

## O desastre no Rio Doce e a questão mineral no Brasil

### Resenha do Livro “Antes fosse mais leve a carga: reflexões sobre o desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton

**Ilklyn Barbosa da Silva**

Universidade Federal de Minas Gerais  
ilklynb@gmail.com

**Maryellen Milena de Lima**

Universidade Federal de Minas Gerais  
maryellenmilena@gmail.com

56

O livro intitulado “Antes fosse mais leve a carga” surge a partir do relatório elaborado pelo grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS), que buscou levantar informações sobre o desastre das empresas Samarco/Vale/BHP na bacia do rio Doce, no dia 5 de novembro de 2015. Volume de número 2 da coletânea “A Questão Mineral no Brasil”, nesse livro, são sistematizados diversos estudos sobre o rompimento da barragem de Fundão, além de uma análise macro sobre o setor minerário nacional e mundial, suas mudanças a partir do *pós-boom* das *commodities* e as evidentes associações desse período com o rompimento.

Apesar de não ser objetivo central do livro, a ideia de desastre, na perspectiva das ciências sociais, foi bastante explorada, pois os argumentos levantados evidenciaram que a causa do rompimento está ligada às ações das empresas na temporada de queda dos preços do minério e os danos gerados não se limitam a data do rompimento, se desdobram como fenômeno processual, multidimensional em decorrência, muitas vezes, de respostas e medidas institucionais capazes de agravar vulnerabilidades sociais.

O capítulo 1 discute a questão mineral, aprofundando na discussão sobre o papel da mineração no Brasil, questões de proteção aos direitos humanos e de preservação ambiental, além do levantamento de informações sobre as empresas, o seu contexto operacional/institucional, e as possíveis causas e consequências do rompimento da barragem do Fundão. Possui como objetivo, também, subsidiar os movimentos sociais, organizações não governamentais e trabalhadores da mineração que reivindicam a garantia dos direitos humanos das pessoas atingidas pelo desastre, bem como a remediação dos impactos socioambientais.

Intitulado com uma pergunta provocadora, o primeiro subcapítulo “Caso isolado ou efeito sistemático?”, contextualiza o mega ciclo das *commodities* entre 2003 a 2013, ano em que o Brasil se tornou o segundo maior exportador de minério de ferro do mundo. Posteriormente, com o novo ciclo pós-boom de queda dos preços do minério, os autores apresentam a relação entre o rompimento de barragens de rejeitos e os ciclos econômicos da mineração. Portanto, o rompimento da barragem da Samarco/Vale/BHP Billiton não é isolado, é identificado como um caso provocado por um contexto de potencialização de situações de risco semelhantes a outros rompimentos, por se tratar de uma questão de caráter estrutural.

O texto apresenta diversas falhas que compõem o *modus operandi* das empresas do setor mineral, o que expõe o meio socioambiental e os trabalhadores a riscos e conseqüentemente a desastres. Já no segundo subcapítulo “Samarco Mineração S.A” os autores contextualizam o envolvimento da Samarco com as duas grandes potências do setor mineral, Vale e BHP Billiton, além de fazer uma análise crítica a respeito do recebimento do CEFEM pelos municípios, que não altera as assimetrias sociais que prevalecem principalmente nas áreas rurais.

Autoria de Bruno Milanez, Rodrigo Salles Pereira dos Santos, Maíra Sertã Mansur o capítulo 2 “A Firma e suas Estratégias Corporativas no Pós-Boom das Commodities” retoma vários aspectos do primeiro capítulo. Porém, se aprofunda na identidade da Samarco e as estratégias corporativas adotadas pelas empresas para não diminuir os lucros com o “pós-boom” das *commodities*. Composto por cinco subcapítulos, o artigo inicia destrinchando o “Histórico da Firma” e a “Composição acionária” das firmas. Os autores afirmam que a atuação da BHP Billiton no país tem como eixo a ‘desresponsabilização operacional’, sugerindo que o grupo atua como um mero investidor, enquanto a Vale assume a responsabilidade operacional.

“Investimento, financiamento e endividamento” é o terceiro subcapítulo, que cronologicamente apresenta, com muitos dados, o que propõe o título. Os autores apresentam estratégias corporativas de adaptações que vêm sendo implementadas, enfocando a elevação da produtividade total no contexto do pós-boom. A redefinição das estratégias corporativas são discutidas e adotadas para a ampliação do retorno aos acionistas. A centralidade dos acionistas define o comportamento empresarial. Porém, a ampliação da produtividade gerou efeitos ambíguos, que acarretou, de modo significativo, o endividamento da empresa.

O último subcapítulo, “Relações com os trabalhadores”, destrincha com detalhes as análises sobre o trabalho. O texto aborda a terceirização dos serviços e conseqüentemente a precarização do trabalho como uma das estratégias das empresas do setor mineral, adotada pela Samarco no contexto do pós-boom. Devido à limitada oferta de empregos, os trabalhadores acabavam dependentes das empresas, se submetendo a condições precárias de trabalho.

A lógica dos empreendimentos minerários que utiliza de barragens para a deposição dos rejeitos é potencialmente geradora de riscos. Nessa mirada, o capítulo 3 centraliza-se na análise de todo o sistema que envolve esse tipo de alternativa, passando pelas fases de licenciamento, instalação e monitoramento, e identificando suas falhas e limites.

O rompimento da barragem de Fundão trata-se de mais um dos muitos casos de rompimento de barragens de rejeitos em Minas. Esse histórico se intensificou na medida em que a indústria minerária centralizou sua expansão em regiões onde o teor de minério é menos concentrado. Da mesma forma, tais medidas demandam um aumento na quantidade e na capacidade dessas barragem, pela maior parcela de material descartado.

Imbricado nesse contexto, o licenciamento ambiental é apresentado pelos autores como uma norma burocrática limitada, que tange a lógica econômica e, por isso, torna-se incapaz de barrar tais obras. Os danos são postergados e, quando identificados, pressupõem alternativas de mitigação e compensação. No caso específico de Fundão, as etapas de licenciamento coincidem com os momentos de alta das *commodities* que é, não por acaso, o mesmo período de submissão do projeto de unificação das barragens de Fundão e Germano em 2013, medida mais barata do que a construção de outra barragem, por exemplo.

Nessa dinâmica, os Estudos de Impacto Ambiental, constantemente, apresentam análises superficiais e por isso são incapazes de prever cenários de rompimento. No mesmo sentido, os sistemas de monitoramento das barragens se mostram ainda mais deficientes, na medida em que os órgãos responsáveis não possuem informações básicas das barragens como a sua altura e volume. Muitas vezes as vistorias nem são realizadas. A respeito de Fundão, as

avaliações realizadas pela FEAM e pelos próprios engenheiros da Samarco, que declaravam a segurança da barragem. Essa situação é reflexo de uma cultura de segurança, baseada no discurso técnico dos sistemas peritos, que gabam de grande confiabilidade e inquestionabilidade na sociedade e que vedam situações de má gestão de barragens com potentes possibilidades de rompimento.

O capítulo 4 apresenta análises que evidenciam que os danos socioambientais provocados pelo rompimento da barragem de Fundão não foram os primeiros causados pelas atividades da Samarco. Trata-se, assim, de um “*modus operandi empresarial*”. Os autores historicizam a chegada da empresa e suas controladoras (Vale/BHP Billiton) no município de Mariana, evidenciando como a Samarco foi consolidando suas atividades da exploração mineral através das artimanhas “para não ressarcir e mitigar ao público as perdas causadas, de maneira justa” (pg. 140). A impunidade faz com que as empresas continuem cometendo os mesmos crimes contra o meio ambiente e as populações. Além disso, é abordada também a situação da crise hídrica em 2014, em que a prefeitura de Mariana adotou uma série de medidas para redução do consumo de água da população, enquanto simultaneamente a Samarco conseguiu a liberação para ampliação do seu consumo.

O subcapítulo “Injustiças e indícios de Racismo Ambiental” é um dos mais intrigantes por demonstrar as desproporcionalidades das afetações causadas pelo desastre, que recaem com mais intensidade a grupos historicamente vulnerabilizados. Há um padrão de cor de pele no grupo de atingidos de Mariana, levando, portanto, ao diagnóstico de Racismo Ambiental. Logo nos preliminares do processo de licenciamento ambiental, os empreendedores silenciam as características e identidades da população atingida nos Estudos de Impacto Ambiental. Tratá-los de forma homogênea e defini-los genericamente como “população”, significa despolitizar o debate acerca da desigualdade ambiental ou da distribuição desigual dos impactos entre diferentes classes sociais e grupos étnico-raciais. Os autores avaliam que o desastre do rompimento da barragem de Fundão evidência este fato, levantando dados principalmente das localidades mais afetadas do município de Mariana e Barra Longa.

Os autores também acionam obras antropológicas para levantar a existência camponesa (ao longo da bacia do Rio Doce), em que os territórios são constituídos a partir de uma identidade própria. Entre as várias afetações apresentadas, está a que nomeiam de “modalidades de mortes”, como por exemplo, a vida em comunidade. Trazendo depoimentos de moradores atingidos pelo desastre, o texto também apresenta a dimensão do desastre a partir das falas dos sujeitos que vivenciam-no.

O capítulo é finalizado abordando o conflito ambiental no caso do desastre, no sentido de que, se para as empresas os territórios atingidos agora são vistos como propícios para novas barragem de rejeito, para os seus verdadeiros donos, continuam sendo espaços comuns de reprodução material e social da vida.

Assim como no capítulo 3, o capítulo 5 evidencia as estratégias das mineradoras no Brasil, utilizando o Estado como dispositivo aliado. A principal estratégia explorada no capítulo foi o financiamento de campanha. Os autores mostraram como diversos candidatos de diferentes partidos possuem ligações diretas com as maiores mineradoras, o que demonstra a grande influência dessas empresas nas decisões governamentais. Através dos números e gráficos apresentados, é interessante notar a heterogeneidade dos partidos financiados, o que mostra que a indústria extrativista no país se revela como um modelo econômico que atravessa as fronteiras da dicotomia entre esquerda e direita.

Dessa forma, por se tratar de um modelo nacional, calcado em ideais neodesenvolvimentistas, a indústria extrativa, especificamente, a indústria minerária, tornou-se uma política econômica quase naturalizada entre os brasileiros, principalmente entre os mineiros. Reflexo disso é a dependência do município de Mariana pelo setor, o que

influenciou na pouca contestação da população local mesmo após o rompimento da barragem.

Nesse capítulo, os autores apresentam também o processo de criação da Fundação, fruto de um acordo entre empresas, estados de Minas Gerais e Espírito Santo e União. A partir desse acordo, além do processo de reparação, a Fundação está apta a definir quem são os “impactados”, com negociações diretas, sem obrigatoriedade de mediação de agentes públicos. Nesse sentido, na medida em que o Estado define a atividade minerária como de interesse público e estreita as relações com as mineradoras, automaticamente transfere a responsabilidade e controle para as próprias empresas. A política ambiental é exemplo disso, na medida em que permite o automonitoramento de barragens. No caso de Mariana, a própria criação da Fundação Renova como órgão gestor de todo o processo de reparação explicita a passividade.

O PoEMAS, nesse trabalho, auxiliou significativamente no debate sobre a indústria minerária no país, na medida em que evidenciou, ao longo dos capítulos, as estratégias corporativas, através da nova ordem do “consenso de *commodities*” que no contexto brasileiro acarretaram na dependência da economia no setor neoextrativista, mesmo diante das novas assimetrias, violências e conflitos suscitados por essas atividades. Especificamente nesse caso, tais estratégias suscitaram o desastre.

## REFERÊNCIAS

Milanez, B., Wanderley, L., Mansur, M., Pinto, R., Gonçalves, R., & Santos, R. Antes fosse mais leve a carga: reflexões sobre o desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton. *A questão mineral no Brasil - Vol 2*. Zonta, M; Trocate, C (Orgs.). Marabá, PA. Editorial iGuana, 2016.

Valencio, N.. "Vivência de um desastre: uma análise sociológica das dimensões políticas e psicossociais envolvidas no colapso de barragens". In: *Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil*. Valencio, N.; Siena, M.; Marchezini, V.; Gonçalves, J.C. (Orgs.). RiMa, São Carlos, vol.1, pg. 176-196. 2009.

**Data de submissão: 20/11/2017**

**Data de aceite: 06/12/2017**